

**Silêncio e solidão na leitura literária:
relações entre a literatura e o leitor**

*Silence and solitude in literary reading:
relationships between literature and the reader*

Nathaniel Reis de FIGUEIREDO¹
Thaísa Antunes GONÇALVES²

Resumo

O artigo interroga o ato de ler silenciosamente no decorrer do tempo a partir do contato com duas imagens, uma da Antiguidade, do bispo Ambrósio encontrada em *Confissões*, de Santo Agostinho, e uma contemporânea, do menino Proust encontrado em *Sobre a leitura*, de Marcel Proust. Se no primeiro texto há um estranhamento dessa prática de leitura, no texto de Proust ela aparece como algo cotidiano. Para compreender esse processo histórico, propomos uma revisão bibliográfica para compor uma genealogia do ato de ler. A seguir, constatando que em Proust há a especificidade de ser uma representação de um leitor silencioso de literatura, refletimos sobre a leitura literária, enfatizando os efeitos existenciais que tal possui sobre seus leitores. Para isso, focamos nas principais teorias literárias que buscam compreender as relações entre o texto literário e o leitor. Ao fim, propomos pensar as imagens evocadas pelo ato de ler textos literários como um ato criador e de autoconhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Teorias da leitura.

Abstract

This article questions the act of reading silently over time from the contact with two images: one from Antiquity, of Bishop Ambrósio found in *Confessions*, by Saint Augustine, and a contemporary one, of the boy Proust found in *On Reading*, by Marcel Proust. While in the first text there is an estrangement of this reading practice, in Proust's text it appears as something ordinary. To understand this historical process, we propose a bibliographic review to compose a genealogy of the act of reading. Then, noting that in Proust there is the specificity of being a representation of a silent reader of literature, we think about literary reading, emphasizing the existential effects that this has on its readers. For this, we focus on the main literary theories that seek to understand the relationship between the literary text and the reader. Finally, we propose to think that the images evoked by the act of reading literary texts as a creative act and self-knowledge.

Keywords: Reading. Literature. Reading theories.

1 Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
E-mail: nathaniel.figueiredo@gmail.com

2 Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale/RS.
E-mail: thaisa.gonc@gmail.com

Introdução

Pela manhã, um menino, em suas férias de verão, entra sozinho, segurando um livro, na sala de jantar da casa de campo de sua família. Senta-se em uma cadeira próximo à lareira e começa, silenciosamente, a passar os olhos pelas palavras escritas. O único som que se ouve na casa é o da empregada trabalhando. Na hora do almoço, seus pais o mandam parar de ler, o que faz relutante. Assim que tem uma oportunidade, voltar a pegar seu livro. Mais tarde, indo brincar em um parque, o menino leva seu livro e, assim que possível, escolhe um canto recluso e continua sua leitura recostado em uma noqueira. Ao voltar para casa, antes de dormir, o livro novamente volta às mãos do menino, que o lê até adormecer.

Essa pequena história é um resumo da narração que Marcel Proust (2011) faz de sua experiência como leitor infantil. Nela, avulta-se a figura do menino que lê romances de forma compulsiva. Para um indivíduo do século XXI, sua forma de leitura, solitária e em silêncio, não parece estranha. Mas a leitura silenciosa nem sempre foi algo comum.

Alberto Manguel (2006) lembra da estranheza com que Santo Agostinho percebia a maneira como o bispo Ambrósio lia:

Quando ele lia, seus olhos perscrutavam a página e seu coração buscava o sentido, mas sua voz ficava em silêncio e sua língua quieta. Qualquer um podia aproximar-se dele livremente, e em geral os convidados não eram anunciados; assim, com frequência, quando chegávamos para visitá-lo nós encontrávamos lendo em silêncio, pois jamais lia em voz alta. (AGOSTINHO apud MANGUEL, 1997, p.58)

Santo Agostinho viveu no final da Antiguidade, sendo que a escrita de Confissões é datada do final do século IV. Nesse período, o erudito católico narra com espanto o método de leitura em silêncio que hoje nos é comum. A importância da imagem do Bispo Ambrósio como leitor é importante ainda por ser uma das mais antigas representações dessa prática de leitura e por registrar as impressões de um contemporâneo. Segundo Manguel (1997), Santo Agostinho, ao descrever a prática de leitura do bispo Ambrósio, narra a cena de um leitor contemporâneo, sendo a primeira representação concreta da leitura silenciosa na história do Ocidente.

A prática de leitura silenciosa, que causava espanto em um erudito do século IV, quando narrada por Proust em 1905 já não causava estranhamento. Para compreender

como essa prática de leitura se generalizou no Ocidente entre os dois milênios, passando de algo incomum em fins da Antiguidade para comum já nos séculos XIX e XX, surge a necessidade de se realizar “uma genealogia do ato de ler em silêncio e com olhos” (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p.8). Dessa forma, inicialmente este trabalho constrói uma breve revisão bibliográfica sobre a história da leitura, focando na compreensão de como ocorreu a passagem da leitura oralizada para a leitura silenciosa.

Ao constatar, no decorrer da revisão, que a imagem do menino Proust da leitura silenciosa está intimamente ligada à leitura literária, buscou-se compreender melhor essa prática específica a partir das teorias literárias sobre leitura. Dessa forma, expõem-se as ideias da *estética da recepção* e da *reader response theory*, além das noções sobre a leitura como um ato criador e como uma forma de autoconhecimento.

Por fim, conclui-se que a reflexão suscitada pela comparação entre as imagens de dois leitores tão distantes no tempo, o Bisco Ambrósio e o menino Proust, reverberam símbolos de uma amizade. Uma amizade silenciosa, entre o leitor e seu livro, em uma atividade criadora e um mergulho em si mesmo.

1 A prática da leitura silenciosa e solitária: uma genealogia

Para uma análise genealógica das práticas de leitura na história do Ocidente, é necessário ter em mente que “a leitura não é uma invariante antropológica sem historicidade. Os homens e as mulheres do Ocidente não leram sempre do mesmo modo” (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p.39). Dessa maneira, a leitura silenciosa, que atualmente predomina sobre outros modelos de leitura, não deve ser vista como a única possível e como uma invariante desde o surgimento da escrita. A prática da leitura em silêncio é resultado de um processo de rupturas e continuidades ocorridas em diferentes conjunturas históricas que, através da perspectiva da história cultural francesa, é possível de se analisar nas práticas e nas representações que as sociedades produziram em torno do texto escrito.

Começando pela Antiguidade, para seguir o método de exposição de Cavallo e Chartier (2002), é pensando na forma como os gregos viam a leitura que se percebe a dicotomia estabelecida entre o discurso escrito e o discurso falado. Para Platão, o discurso falado seria o “discurso da verdade”, pois escolheria seus interlocutores e responderia aos seus ataques, enquanto o discurso escrito seria como uma pintura, repetindo-se

eternamente sem responder às dúvidas que lhe são colocadas. Com essa mentalidade, a difusão da escrita na Grécia Antiga ocorreu lentamente através da educação pública ateniense, sendo que a função principal da escrita era a de conservação da memória em rolos de papiro.

Nesse mesmo contexto, a dicotomia entre leitura oral e leitura silenciosa dos textos era norma, com a oral como predominante. Ainda assim, segundo Cavallo e Chartier (1997), é possível encontrar algumas representações de práticas da leitura silenciosa, como Teseu lendo em silêncio uma mensagem na peça Fedra, de Eurípedes.

A leitura na Roma Antiga sofre grande influência da maneira como os gregos viam as relações entre o discurso escrito versus o discurso falado e a leitura silenciosa versus a leitura oral. No entanto, na época imperial romana, marcada pela difusão da alfabetização, o escrito começa a circular de maneira mais intensa. Surgem novos textos, agora destinados a responder exigências de públicos específicos (como as obras de Ovídio) e a produção de um novo objeto material para comportar o escrito, o códex.

No século II, o códex, livro com páginas semelhante ao formato que hoje conhecemos, substitui o rolo de pergaminho. Segundo Cavallo e Chartier (2002), o códex ganhou popularidade por vários fatores: menor custo, maior facilidade em ser distribuído e formato mais adequado para estudo. O códex age como mediador da passagem das práticas de leitura da Antiguidade para as práticas de leitura da Idade Média. Na passagem da leitura oral para a leitura silenciosa, a nova prática começa a se fortalecer dentro da ideia católica de que a leitura meditativa que o códex permitia por seu formato seria uma maneira de conhecer Deus na intimidade do leitor, uma maneira profunda de salvar a sua alma.

No período medieval, dois marcos são fundamentais para a lenta afirmação da leitura silenciosa. O primeiro marco é a escrita monástica, que introduziu novas convenções gráficas para auxiliar os olhos na leitura silenciosa, como a divisão das palavras e das frases. O segundo marco é a leitura escolástica, considerando que o leitor deveria entrar em contato com o texto visando a compreensão, o significado e a sentença geral possível de ser depreendida do que foi lido.

Dessa maneira, as bibliotecas góticas instauraram como norma a prática da leitura silenciosa em seu interior visando um espaço de menor perturbação para esse tipo de estudo. Segundo Cavallo e Chartier (1997), com a leitura escolástica o Ocidente chega ao limiar da leitura moderna, no qual a leitura silenciosa do livro permite uma relação

particular e não controlada de convivência com o texto, muitas vezes entrando em um espécie de jogo de erotismo.

Entrando na Idade Moderna, Cavallo e Chartier (1997) reduzem a importância da invenção da prensa de Gutemberg como fator de impacto direto nas práticas de leitura ocidentais. A forma material do códex não seria alterada por essa invenção e sim a sua forma de produção. Para os autores, a nova grande revolução da leitura ocorrida após as mudanças na Idade Média acontece na segunda metade do século XVIII, com a multiplicação dos jornais, o sucesso dos pequenos formatos, a diminuição do preço do livro e a multiplicação de instituições que permitiam a leitura sem a aquisição do livro, como as sociedades de leitura e as livrarias de empréstimo.

É a partir daí que ocorre uma nova dicotomia no estudo da leitura no Ocidente: por um lado, há o leitor intensivo, aquele que consome um número limitado de textos, relendo-os várias vezes; por outro lado, há o leitor extensivo, obcecado pela leitura, que consome um grande número de textos impressos em uma leitura mais livre e, muitas vezes, irreverente.

Assim, a partir da Idade Moderna, a leitura torna-se um ato essencialmente solitário:

o leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons - ele sabia agora - podiam ecoar tanto dentro como fora. E o próprio texto, protegido de estranhos por suas capas, tornava-se posse do leitor, conhecimento íntimo do leitor (MANGUEL, 1997, p.67-68)

A leitura solitária e silenciosa permitiu, assim, uma nova apropriação da escrita pelo leitor, um verdadeiro devaneio com palavras e de palavras, que em propostas vanguardistas contemporâneas, como a do surrealista André Breton, possibilitaram que as palavras “fizessem amor”. Utilizando o exemplo do filósofo americano Emerson, para quem “ler um livro era um assunto privado e solitário” (MANGUEL, 1997, p.70), Manguel considera que na Idade Contemporânea há a concretização da leitura silenciosa, em que a escrita é degustada preferencialmente no silêncio para serem apreendidas, não devendo mais serem proferidas em voz alta.

Do bispo Ambrósio e outros exemplos de Manguel, como Calvino e Lutero, há uma “multidão de leitores silenciosos” (MANGUEL, 1997, p.70), imagens de leitores solitários que repercutem no tempo até chegar aos leitores do século XXI. Pensando no menino Proust, ele não é um leitor silencioso de um texto religioso como o bispo Ambrósio ou de textos filosóficos como no caso de Emerson, mas sim um aficionado

leitor solitário e silencioso de literatura. Para compreender essa especificidade, exige-se então uma reflexão da leitura silenciosa tratando especificamente da leitura literária.

2 A leitura literária: uma experiência existencial

Compagnon (2010) considera que leitura de um texto literário foi uma prática fundamental da passagem da humanidade das experiências coletivas para as experiências individuais de aquisição cultural. A noção de indivíduo e do leitor literário silencioso e solitário possuem íntima relação, não podendo serem dissociadas.

Segundo Zilberman (2001), apontando que durante o início da modernidade não foi incomum associar pessoas que liam muito com práticas heréticas, há uma longa tradição no Ocidente de que a leitura faz mal aos indivíduos. Nessa visão, o leitor solitário e silencioso, quando lê intensamente, pode chegar à beira da loucura, como o exemplo do personagem Dom Quixote no romance de Miguel de Cervantes. Esse preconceito, relacionado com a impossibilidade do poder de controlar essa atividade que ocorre no interior do indivíduo, ganha especial visibilidade na representação das mulheres leitoras que sofrem influências perniciosas das “más leituras”, como no romance *Madame Bovary*, de Gustav Flaubert.

Paralela a essa noção da leitura literária como maléfica ao indivíduo, há o desenvolvimento de uma noção da leitura literária como um espaço de compreensão de si. Passa-se, assim, da leitura literária como uma atividade escapista para uma experiência existencial com função emancipatória. Espaço de erotismo, espaço de lembrança, espaço de socialização, espaço de mobilidade, a leitura literária surge, então, como uma prática de resistência através da imaginação.

Para aprofundar a compreensão de como ocorre essa relação entre o texto literário e o leitor, surge a necessidade de uma revisão, ainda que breve, das teorias da leitura desenvolvidas contemporaneamente.

2.1 O leitor recuperado: *estética da recepção* e *reader response theory*

As abordagens teóricas que tratam do leitor nos estudos literários somente ganharam força na segunda metade do século XX, especialmente com a *estética da recepção* e a *reader response theory*. Sobre a primeira linha teórica, disserta-se aqui sobre

a perspectiva de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Sobre a segunda linha teórica, explica-se sobre o pensamento de Umberto Eco.

Jauss (2001) tem como proposta reabilitar a noção de prazer estético frente a obra de arte e, conseqüentemente, de reabilitar o estudo do prazer na leitura literária. Para isso, ele propõe uma genealogia do conceito de prazer, indo da Antiguidade até o momento atual. Nessa reflexão, o autor demonstra que, da afirmação do prazer entre os gregos antigos na experiência com a arte poética até a completa negação do prazer como produto da cultura burguesa, há uma trajetória que vai da participação do receptor na obra de arte até uma teoria estética que, em nome da objetividade, nega a subjetividade do prazer.

O caminho para a reabilitação do prazer na reflexão estética passa em Jauss pela hermenêutica de Gadamer, que critica a posição “objetivista” da teoria estética moderna e propõe um estudo compreensivo da participação do sujeito na obra de arte. Assim, Jauss reflete sobre a “experiência da verdade, de que participamos pela obra de arte, contra a teoria estética, que se deixa limitar pelo conceito de verdade da ciência” (GADAMER apud JAUSS, 2001, p.93)

Para delimitar sua abordagem do prazer estético, Jauss (2001) propõe um retorno aos conceitos dos gregos antigos da fruição estética através de três categorias: *poiesis* (criação), *aisthesis* (percepção) e *katharsis* (purgação de tensões emocionais). Nesses três níveis se encontram formas diferentes de perceber o prazer estético em uma obra de arte.

No nível da *poiesis*, o prazer estético se relaciona à consciência produtora, à “capacidade da arte de tornar o mundo a sua própria obra” (JAUSS, 2001, p.100). No nível da *aisthesis*, o prazer estético sai da esfera do escritor e passa para a do leitor. É a consciência receptora, a “capacidade da arte de renovar a percepção da realidade externa (do mundo) e interna (de si mesmo)” (JAUSS, 2001, p.101). No nível da *katharsis*, o prazer estético toma caráter de uma “experiência subjetiva e intersubjetiva, através da aprovação da obra e identificação das normas predeterminadas a serem explicitadas” (JAUSS, 2001, p. 101). Nesse nível, a experiência estética é comunicativa, relacionada ao estudo sofístico de Górgias e ao estudo retórico de Aristóteles sobre o prazer que o discurso causa nos afetos do ouvinte, alterando sua psiquê. As artes ganham, nesse nível, uma função pragmática, tendo a função social de mediar, inaugurar ou legitimar normas sociais ou liberar o receptor dos interesses cotidianos.

Para o estudo da leitura literária, a importante noção trabalhada por Jauss (1994) é a de horizonte de expectativas, o conjunto de competências que os leitores de literatura

possuem em um determinado período histórico. Seria em contato com o horizonte de expectativas que a literatura produziria seu efeito: “A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra”. (JAUSS, 1994, p.26).

Com a noção de horizonte de expectativa, a análise da experiência literária proposta pela estética da recepção pensa a leitura dentro de um sistema de referências que o leitor possui: “o conhecimento prévio de gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como a oposição entre linguagem poética e linguagem prática.”(JAUSS, 1994, p.27). Dando continuidade ao pensamento de Jauss, Iser (2001) pensará como ocorre a relação entre o texto literário e o leitor na prática da leitura solitária e silenciosa.

Para Iser (2001), a leitura literária é um processo performativo em que algo novo é modelado. Nessa noção de jogo, “os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo.” (ISER, 2001, p.107). A intencionalidade autoral estaria relacionada à composição do texto de maneira a permitir “o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo.” (ISER, 2001, p.107).

A literatura visa encenar o mundo, não representá-lo. Entre o mundo referencial e o mundo encenado no texto literário, Iser (2001) estabelece três níveis de diferença: 1) extratextualmente, na relação entre o autor e o mundo e na relação entre texto e o mundo extratextual e outros textos; 2) intratextualmente, nos itens selecionados dos sistemas extratextuais e das constelações semânticas encontradas nos textos; 3) entre o texto e o leitor, seja nas atitudes que o texto exige do leitor quando nas transgressões do leitor a esses exigências.

É nas lacunas entres esses três níveis que surgem os espaços vazios onde o jogo é posto em movimento, cabendo ao leitor preencher esses vazios. Sem a interação entre o texto e o leitor, a literatura existe apenas como uma hipótese.

Para analisar essas lacunas que o texto instaura para o leitor preencher, Iser (2001) propõe a análise de três níveis: o estrutural, em que se mapeia o espaço do jogo; o funcional, em que se explica a meta do jogo; o interpretativo, em que se visa responder o como e o porquê de o jogo ser jogado.

Ainda que avaliada como fundamental, é importante lembrar que na visão proposta por Iser “A liberdade concedida ao leitor está na verdade restrita aos pontos de indeterminação, entre os lugares plenos que o autor determinou.” (COMPAGNON, 2010, p.152). Umberto Eco, integrado aqui entre os representantes da *reader response theory*,

irá além disso, considerando que a leitura de uma obra, mesmo que condicionada pelo texto, muitas vezes se abre para um leque ilimitado de interpretações, sendo que as obras, mesmo quando fechadas internamente a variantes de interpretações, são sempre “abertas”.

Eco (1983) considera que o texto, em sua materialidade linguística, é sempre incompleto, necessitando ser lido ou “atualizado” pelo destinatário. Para corroborar sua hipótese, o autor aponta que os textos sempre constroem um destinatário implícito em suas mensagens que devem dominar uma certa competência gramatical para poder atualizá-los. O texto é sempre escrito em cima de “não-ditos”, necessitando a atividade consciente do leitor para ativá-lo como mensagem.

O texto seria, portanto, cheio de “espaços em branco”, semelhante aos “vazios” de Iser. Eco (1983) aponta dois motivos para a existência desses espaços em branco nos textos: 1) “o texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da mais valia de sentido que o destinatário lhe induz” (ECO, 1983, p.55); 2) tratando especificamente do texto literário, a função estética do texto exige que o leitor tenha uma iniciativa interpretativa, sendo que o “texto quer que alguém o ajude a funcionar.” (ECO, 1983, p.55).

Eco propõe uma abordagem metodológica a partir da semiótica, levando em conta os sistemas de gestos e comportamentos em torno do texto para compreender a leitura. Dessa forma, introduz a noção de Leitor-Modelo, considerada aqui para se pensar a leitura e os textos como fechados ou abertos em relação às suas possibilidades de interpretação.

O Leitor-Modelo deriva das competências do leitor que o texto exige, previstas dentro das estratégias de escrita do autor. Esse Leitor-Modelo não é somente uma idealização, um tipo de leitor que o texto espera ter. O próprio texto busca formá-lo, contribuindo para construir no leitor real aquele que foi previsto como competências do Leitor-Modelo: “rever o próprio Leitor-Modelo não significa apenas “esperar” que exista, significa também conduzir o texto de forma a construí-lo. Um texto não se limita a apoiar-se sobre uma competência, contribui para a produzir. (ECO, 1983, p. 59)

A partir do conceito de Leitor-Modelo, Eco propõe a diferença entre textos fechados, que preveem todas as estratégias do leitor e buscam fechar as interpretações, e textos abertos, que exploram os desvios de maneira a proporcionar diversas leituras. Essa diferença permite pensar as possibilidades de interpretação do leitor de um determinado texto.

Sendo assim, considerando o conceito de Leitor-Modelo e a liberdade que o texto concede para a interpretação, a leitura pode ser pensada como um processo dialético entre o destinatário implícito, que a estratégia autoral delineou no texto, e a resposta do leitor real, que atualiza esse texto. Desse dialética se distinguiria “o uso livre de um texto tomado assim como estímulo imaginativo, e a interpretação de um texto aberto.” (ECO, 1983, p.62)

Seja como uma ação de prazer estético (JAUSS, 2001), como um jogo em que o leitor participa para completar os espaços vazios (ISER, 2001) ou como um processo dialético entre o que o texto exige do leitor e o que o leitor faz deste texto (ECO, 1983), pode-se perceber que nesses diferentes intelectuais há uma ênfase na participação do leitor para que o texto literário tenha sua efetividade como obra de arte. Esses três autores focaram principalmente em analisar a leitura evidenciando os elementos encontrados no próprio texto literário. Resta responder a pergunta de o que a leitura literária ativa no leitor literário, ou, utilizando as palavras de Jouve (2002): “O que acontece quando se lê um livro?”.

2.2 A leitura literária como um ato criador

Jouve (2002) considera que a imaginação na leitura literária liberta o leitor através de um ato duplo de liberdade: aniquilando o mundo do “real” vivido pelo leitor e construindo, através da criatividade, um mundo novo. A leitura literária é uma experiência de libertação e de preenchimento, experiência que se desengaja da realidade cotidiana para suscitar no leitor, seja nos vazios de Iser ou nos espaços em branco de Eco, a construção de um novo universo com elementos da subjetividade do próprio imaginário do leitor. Essa experiência, ao contrário de alienante, renova a percepção de mundo.

Para Jouve (2002), a leitura literária fascina por ser uma experimentação do outro, onde ocorre uma desterritorialização de si, em que o leitor experimenta, na interiorização que a prática da leitura individual e silenciosa possibilita, a percepção de um outro que não é mais o eu consciente do leitor, mas, em simultâneo, não outro senão ele mesmo. Dessa forma, ocorre uma vertigem no leitor, um “desabamento momentâneo dos fundamentos da existência que explica a descrição corrente da leitura como uma flutuação, uma vertigem na qual o sujeito, um pouco perturbado, oscila entre a preocupação e euforia.” (JOUVE, 2002, p.110).

Como libertadora da consciência e como uma vertigem, Jouve (2002) vai pensar em como o leitor tira prazer do jogo da leitura considerando que existem duas modalidades de como o jogo pode ser jogado: como “playing”, a representação ou simulacro, relacionada à encenação do que está se lendo, permitindo o enraizamento no imaginário do leitor; e como “game”, um jogo mais reflexivo, focado nas estratégias de narração, permitindo o distanciamento do leitor e disciplinando o “playing”.

No prazer sentido no jogo da leitura, os vazios apontados por Iser (2001) permitem ao leitor se implicar no texto jogando-o como “playing”, ao mesmo tempo que permite ao leitor se observar nesse processo jogando-o como “game”. A experiência de jogar o jogo da leitura seria, então, um espaço de autodistanciamento que permite ao leitor conhecer tanto de sua subjetividade quanto sua prática como leitor de textos e do mundo.

Jouve (2002) vê a leitura como um sono acordado. Acordado, as impressões psíquicas do indivíduo são estimuladas do exterior (o mundo) para o interior (espaço no qual as impressões vão ser processadas pelo indivíduo), em um processo conhecido pela psicologia como “progreidente”. Dormindo, o indivíduo registra impressões psíquicas que têm origem em seu próprio inconsciente, sendo que ocorre uma “ilusão” de realidade produzida por imagens mentais, num processo de “regrediência”. A leitura seria um processo de “regrediência”, só que com o indivíduo acordado.

Assim, nesse processo de devaneio diurno, a imaginação do leitor ganha uma participação efetiva na leitura:

O imaginário próprio de cada leitor tem um papel tal na representação que quase se poderia falar de uma “presença” da personagem no interior do leitor. Essa sensação de consubstancialidade entre o sujeito que lê e a personagem representada nenhuma imagem óptica jamais poderá dar. (JOUVE, 2002, p.116)

Voltando à imagem do menino Proust, exteriormente vemos somente um jovem rapaz imóvel frente a um livro. Porém, para além de um ato de aparência passiva, há uma subjetividade constantemente ativa frente ao texto literário, texto esse que em sua própria construção exige a participação do destinatário através de diferentes estratégias textuais.

O leitor não lê literatura somente pela necessidade do texto literário tem de ser concretizado na leitura, mas sim porque o ato de ler, inserido dentro da moderna prática da leitura silenciosa e solitária, permite ao indivíduo a experiência de ter prazer com o

seu imaginário, de ter prazer consigo mesmo ativando imagens que estão no seu próprio inconsciente. Essa experiência consciente das profundezas de si nenhuma outra experiência proporciona com a mesma intensidade.

2.3 A leitura literária como um mergulho em si mesmo

Se a leitura literária é uma atividade contemporânea em que se produz a consciência do indivíduo, é importante pensar sobre o espaço que ela deve ocupar dentro da sociedade. É sobre isso que Proust (2011), após narrar sua experiência como leitor infantil, irá dissertar quando pensa a leitura dos textos literários.

Proust (2011) nega a noção tradicional da leitura como uma conversação racional, apolínea, com os grandes homens do passado. Ao contrário de uma conversa, a leitura seria um diálogo interior do leitor em sua solidão. O romancista francês não considera que a leitura deve ser pensada como uma experiência que revela verdades virtuosas que estão fora do indivíduo e que ele simplesmente apreende como uma página em branco, pois tais verdades estão no próprio leitor.

A leitura pode, segundo Proust (2011), ser um remédio para indivíduos que, à semelhança de doentes patológicos com depressão ou neurastenia, viviam em uma condição de letargia frente às profundezas de si mesmo. Para esse tipo de indivíduo, o melhor antídoto é a leitura, pois, ao contrário de uma conversa, os elementos para uma “cura” desse estado de letargia seriam sugeridos no interior do indivíduo graças à prática da leitura solitária e silenciosa: “uma intervenção que, vinda de um outro que se produza no fundo de nós mesmos, é o estímulo de um outro espírito, mas recebido no seio da solidão. (PROUST, 2011, p.38)

O papel da leitura literária para Proust (2011) é este: fazer o indivíduo moderno se aprofundar em si mesmo. Em suas palavras, “a única disciplina que pode exercer uma influência favorável sobre estes espíritos [letárgicos] é, por tanto, a leitura” (PROUST, 2011, p.38-39).

É interessante notar que, nos argumentos sobre a leitura que Proust tece, ele delinea o Leitor-Modelo de sua obra maior, *Em busca do tempo perdido*, e delinea também o Leitor-Modelo que as vanguardas literárias desejam formar. Proust (2011) considera que o ato da leitura produz efeitos positivos quando pensado como uma

participação efetiva do leitor na obra, possibilitando um mergulho do indivíduo em si mesmo.

O Leitor-Modelo de Proust não é aquele que lê suas palavras buscando grandes significados dos quais ele desconhecia e que não estavam nele, mas sim aquele que empenha a si mesmo na aventura das palavras que seu devaneio artístico elaborou. É por isso que a linguagem dos seus romances muitas vezes beira o gênero lírico, carregada de simbolismos que servem para chamar o leitor a participar daquele universo ficcional com sua alma.

Dessa maneira, pensando no tipo de leitor que deseja para suas obras, Proust (2011) alerta para o perigo de encarar a leitura como algo passivo. É muita mais fácil achar que a “verdade” encontra-se impressa nas folhas de um livro na estante, cabendo ao leitor apenas passar seus olhos pelas palavras para apreendê-la. O autor, inclusive, ironiza sobre isso: “Que felicidade, que repousa para um espírito fatigado de procurar a verdade em si mesmo e dizer-se que ela está situada fora dele, nas folhas de um in-fólio” (PROUST, 2011, p.40). Mais complexo é perceber que a leitura, prática que, como se tentou demonstrar até aqui, é fundamental para nossa construção identitária, é um ato de comprometimento individual que exige a participação constante do leitor.

Considerações finais

É na caracterização de seu Leitor-Modelo que Proust (2011) ressalta a importância da leitura literária como um ato de solidão e silêncio. A leitura é como uma amizade sincera, despida de todas as preocupações com protocolos sociais. Podemos abandonar um livro quando desejarmos sem nos preocupar com sua mágoa, sendo que só estaremos com ele quando assim quisermos. Além disso, essa é uma amizade construída no silêncio.

Logo, as imagens que ecoam do bispo Ambrósio ao menino Proust demonstram mais do que indivíduos simplesmente lendo textos. Em um primeiro momento, elas são representações que demonstram que o modelo de leitura silenciosa foi uma prática que pouco a pouco se afirmou no Ocidente. Porém, mais do que isso, essas imagens simbolizam uma experiência do indivíduo consigo mesmo: o bispo Ambrósio e o menino Proust lendo solitários e sem mover os lábios são símbolos de uma amizade silenciosa e antiga do leitor com seus livros que, para além de um possível significado melancólico, demonstram como o indivíduo pode encontrar prazer na solidão através de sua própria

imaginação. Pensando especificamente no menino Proust, temos ainda a especificidade de a leitura ser de um texto literário, o que exige um aprofundamento sobre o tema da leitura literária.

Os conceitos da *estética da recepção* e da *reader response theory* são fundamentais para a compreensão do contato do leitor com a materialidade do texto, ressaltando assim a especificidade da leitura literária. O texto literário necessita da participação do leitor através dos seus vazios/ espaços em branco. Frente ao texto literário, o leitor o concretiza com algo que o próprio leitor possui. Nesse ato especular, a leitura literária permite ao leitor um mergulho em sua psicologia profunda através de uma experiência de prazer estético. Na solidão e no silêncio, o indivíduo aprofunda seu autoconhecimento na fruição de completar as indeterminações do texto literário com a sua imaginação.

Assim, a leitura literária não é então somente um ato passivo, *aisthesis*, mas é, também, um ato criativo, *poesis*. A literatura obceca o menino Proust (e as diversas imagens semelhantes a essa no decorrer do tempo) não por conter verdades profundas escondidas no interior do texto, mas por convocá-lo a participar do jogo textual, ocorrendo, assim, um processo de empatia, identificação e diversão.

Como jogo, a leitura literária permite o indivíduo criar algo novo para si com elementos que já possuía. Internalizando esse novo no seu imaginário, o leitor intensifica as suas possibilidades de pensar o mundo e, principalmente, a si mesmo. Desse modo, concretiza-se como um ato de *katharsis*, entre prazer, autoconhecimento e mudança de psiquê.

Referências

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002. v.1. p.5-40

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: ECO, Umberto. **Leitura do texto literário: lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos literários**. Lisboa: Presença, 1983. p.53-71.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. *In*: JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang; STIERLE, Karheinz; GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.105-118.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais de poiesis, aisthesis e khatarsis *In*: JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang; STIERLE, Karheinz; GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.85-103.

JOUVE, Vincent. O vivido da leitura. *In*: JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002. p.107-122.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.